





Especial
Noilde Ramalho



DATAS E EVENTOS SIGNIFICATIVOS

23/07/1911 Criação e Fundação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

01/09/1914 Fundação da Escola Doméstica de Natal.

12/01/1915 A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte adquire personalidade jurídica.

26/01/1915 A Liga de Ensino é considerada de Utilidade Pública Estadual. (Decreto nº34 do Governo do Estado – Lei 383 de 18/11/1915 da Assembleia Estadual).

11/08/1915 Fundação do Pavilhão de Puericultura.

15/11/1919 Diplomação da 1ª Turma de Donas de Casa, paraninfada pelo Ministro Oliveira Lima.

15/11/1921 É criado o Hino da Despedida – Letra do Dr. Henrique Castriciano – Música do Maestro Luigi Maria Smido.

12/09/1925 Instalação do Grêmio Lítero-Musical “Auta de Souza”.

15/04/1928 Fundação do Jornal “O Lar” e tiragem de sua 1ª edição.

26/09/1938 A Liga de Ensino é registrada no Conselho Nacional do Serviço Social, conforme Processo 3.881/38.

01/09/1945 Instituição do “Dia da Ex-Aluna” da Escola Doméstica.

10/12/1946 Doação do terreno situado na Av. Hermes da Fonseca, 789, pelo Governo do Estado (Decreto-Lei 651), para construção e instalação da nova sede da Escola Doméstica.

03/12/1951 Assinatura da Escritura de Venda ao IAPC da antiga sede da Escola Doméstica.

01/03/1953 Inauguração solene da nova sede da Escola Doméstica, na Av. Hermes da Fonseca, 789.

01/03/1953 Inauguração e hasteamento solene da primeira Bandeira da Escola – criação Prof. Roderick Carneiro.

23/12/1954 Às portadoras de diploma ou concluintes do Curso Doméstico é permitida matrícula na 1ª série dos Cursos Técnicos Comerciais, Industriais e Agrícolas (Portaria Ministerial 983).

12/10/1955 Inauguração da nova sede do Pavilhão de Puericultura “Varela Santiago”.

01/03/1956 Fundação da Associação de Ex-Alunas da Escola Doméstica.

20/06/1959 Convênio Firmado com a Universidade do Rio Grande do Norte, incluindo naquela Instituição a Escola como órgão complementar.

23/12/1960 Pela Lei 2.803, o Governo do Estado equipara as diplomadas pela Escola Doméstica, quando no exercício do magistério Estadual, às diplomadas pela Escola Normal de Natal e pela Escola Normal de Mossoró, com os mesmos direitos e vantagens.

23/05/1962 Reconhecimento do Curso Doméstico no nível Ginásial e criação do Curso Doméstico de nível Colegial. (Proc.200.537/62, publicado no D.O.U. 22/06/62).

01/09/1963 Fundação do Jornal "O Lar da Ex-Aluna".

24/12/1963 A Escola Doméstica de Natal, pela inscrição 73, é registrada na Diretoria de Ensino Industrial (Portaria Coletiva do MEC. Publicada no D.O.U. de 24/12/63).

01/09/1964 Fundação do Jornal "O Lar Mirim", editado pelas alunas do 1º grau menor.

01/09/1964 Jubileu de Ouro da Escola Doméstica.

01/03/1965 Inauguração do Ginásio de Esportes "Noilde Ramalho", com 1.200m² de área coberta e capacidade para 3.000 pessoas sentadas.

06/05/1967 Inauguração do Prédio da Biblioteca Auta de Souza, com acervo de cerca de 5.000 livros.

16/09/1967 Inauguração da Piscina Semiolímpica (25,00 x 12,5).

16/09/1967 Inauguração da Pista de Atletismo, com 400m.

13/11/1968 A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte é considerada de Utilidade Pública Federal – Dec. 63.613/68, D.O.U. 13/11/68.

01/06/1973 Instituída pela Resolução 01/73 da Liga de Ensino o Diploma de Amigo da Escola Doméstica.

15/03/1974 Inauguração do Museu "Henrique Castriciano", com acervo de livros de alta importância, sendo alguns inéditos.

13/12/1974 Inauguração do Centro de Ciências "Juvenal Lamartine", com laboratórios de Química, Física e Biologia.

01/09/1976 Inauguração do Teatro Escola "Chicuta Nolasco Fernandes", com capacidade para 300 pessoas.

20/05/1980 Portaria de SEC/RN/515/80 reconhece os Cursos da Escola Doméstica de Natal, (D.O.E/RN 28/08/80).

28/04/1984 Inauguração do novo Pavilhão de Puericultura "Varela Santiago".

01/09/1987 Inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriciano, Escola de 1º e 2º graus, para atender alunos de ambos os sexos.

10/08/1989 Instituída pela Resolução 01/89 da Liga de Ensino a medalha de Mérito Henrique Castriciano.

01/09/1989 Criação da Bandeira da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

01/09/1989 Criação da Bandeira dos 75 anos de fundação da Escola Doméstica de Natal.

01/09/1989 Jubileu de Brilhante da Escola Doméstica.

11/04/1992 Inauguração do Ginásio da Integração, com capacidade para 6.000 pessoas, além do Centro Polivalente e do Campo de Futebol.

15/06/1993 Inauguração da Piscina Olímpica (50 metros).

28/04/1997 Criação da Faculdade Natalense para Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN, pela Resolução 01/97, do Conselho Diretor da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

28/04/1997 Designados o Diretor-Geral da FARN, Professor Daladier Pessoa Cunha Lima, e a Diretora Adjunta, Professora Ângela Maria Guerra Fonseca, pela Portaria 02/97, assinada pelo Presidente da Liga de Ensino.

06 e 07/02/1999 Realização do primeiro Concurso Vestibular da FARN, para os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito e Sistemas de Informação.

25/02/1999 Instalada, em Sessão Solene, a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

04/10/2001 Inauguração do Centro de Convivência Clara Camarão.

09 e 10/10/2001 Realização do 1º Congresso de Iniciação Científica da FARN
Nov./2001 Criação da Revista da FARN.

14/02/2002 Instalação do Núcleo de Prática Jurídica “Djalma Marinho”.

14/01/2003 Criada a função de Chanceler da FARN, através da Resolução 01/2003 de 14/01/2003, do Conselho Diretor da Liga de Ensino.



NOILDE RAMALHO

NOBREZA NA EDUCAÇÃO POTIGUAR

Ela está lá.

A elegante senhora parece estar concentrada sobre algum documento na sua mesa de trabalho. Cabisbaixa, séria, está atenta a tudo o que acontece ao seu redor (não se enganem!), e pensa no futuro da instituição que chega ao centenário. De vez em quando vai à janela, olha para as crianças que brincam sob vovó mangueira, mais uma geração a trilhar o caminho da educação – e sorri, discreta. A Escola Doméstica de Natal, pela qual dedicou sua vida, permanece como um símbolo e um desafio da modernidade e daí vem a pergunta que não quer calar: até quando a ED permanecerá, sem a presença física de sua mais presente defensora?

Se “as instituições têm alma” como alardeiam por este mundo afora, a alma do complexo integrado pela Escola Doméstica de Natal, o Complexo Educacional Henrique Castriciano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN encontra concretude na professora Noilde Pessoa Ramalho. Como não sentir a sua presença ao ouvir o assobiar do vento por entre o bambuzal, ou se deliciar com o doce caju arrancado do próprio pé no período da estação, ou mesmo vislumbrar o ipê roxo que teima em ressurgir, no meio do verde do Parque das Dunas, todo ano? Um sonho, tornado realidade com muito esforço e dedicação, tendo à frente uma mulher, ou melhor, uma dama. A dama da educação potiguar, como ficou conhecida nacionalmente.

Aqui cabe, neste momento, lembrar de dona Noilde – uma nobre que nasceu em Nova Cruz, precisamente em 19 de julho de 1920. Foi aluna da Escola Doméstica, instituição criada tendo como modelo a educação praticada na Suíça, capitaneada por um grupo de intelectuais, entre os quais Henrique Castriciano. A aluna se transformou em professora e logo depois, aos 25 anos de idade, tornou-se diretora da escola que comandou pelo resto da sua vida, ao ponto de a história da escola se confundir com a sua biografia. Ela se ocupava dos preparativos para a comemoração do centenário de fundação da Escola, agora em 2014, quando faleceu no dia 25 de dezembro de 2010, vítima de um edema pulmonar, enquanto fazia um cruzeiro pelo sul do Brasil, em viagem anual que costumava fazer com um grupo de amigos.

Quem teve a oportunidade de compartilhar alguns momentos com dona Noilde recorda, sobretudo, da sua sabedoria. Sem uma formação superior, fez discursos na presença de autoridades como presidentes e ministros, geralmente de improviso e sem delongas. Em determinado momento, perguntamos como ela construía os discursos que fazia. A resposta veio rápida e sincera: “Não sei. Não tenho curso universitário. Mas sempre que vou a alguma solenidade em que terei que falar me apego ao Espírito Santo, do qual sou devota. Ele me ilumina, me inspira”. Religiosa, fazia com uma mão de forma que a outra não visse – ajudou a construir várias igrejas em Natal e no interior, sem que ninguém soubesse da doação voluntária.



De uma memória impressionante, conhecia e contava histórias de personagens da história potiguar com detalhes que deixavam os ouvintes boquiabertos. No entanto, mais do que falar, sabia ouvir. Seus conselhos certos tranquilizavam. Recordo que, na ocasião do lançamento de uma revista com apoio do complexo educacional que dirigia, com toda a programação organizada, no dia anterior ao lançamento a gráfica liga informando que não daria tempo para entregar a publicação. Com vários convidados de fora já com passagem marcada, não dava para adiar o evento. Fomos conversar com os parceiros e todos ficamos aterrorizados, visualizando o lançamento de uma revista sem a dita cuja. Chegamos ao gabinete de dona Noilde nervosos, esperando uma reação semelhante aos demais, qual foi nossa surpresa quando ela riu do nosso desespero. “Não se preocupem, vocês ainda têm muito a aprender”. Fizemos o lançamento apresentando a revista em data show, prometendo encaminhar posteriormente para todos os presentes. Foi um sucesso!

Quando tinha um problema de difícil solução, ela era requisitada. Sua palavra era ordem, todos a respeitavam. Do que será que uma mulher assim se arrepende?



Terá cometido algum erro? Claro, somos todos humanos e sujeitos a falhas. No ambiente da escola, sempre lembrava um fato que a marcou: o protesto dos estudantes por causa da derrubada de uma árvore para mais um a construção. Com cartazes e gritando palavras de ordem, os alunos ficaram em frente ao seu gabinete, e ela foi falar com o grupo, explicando a necessidade da construção, quando um dos alunos questionou: "Por que vocês ensinam que devemos preservar a natureza e derrubam as árvores?". Ela ficou calada, sem resposta, e tomou a decisão de que todas as árvores derrubadas seriam replantadas, preservando o meio ambiente naquele local.

Até chegar ao momento atual, em que o UNI-RN transformou-se em referência no ensino superior, são muitas histórias a serem relatadas – no início, a diretora chegou a enfrentar estrada de barro até Brasília, em busca de recursos para a manutenção da Escola; em outro momento, recebeu uma homenagem da Presidência da República, no Congresso Nacional – ocasião em que deixou um pequeno vidro com areia, retirada do solo da ED.



**HAYDÉE
RAMALHO
PESSOA**

Professora

A HISTÓRIA DE NÓ

“Bondade”. A irmã nem pestanejou quando o jornalista fez a provocação, perguntando se poderia expressar, com uma palavra só, quem foi Nó – como apelidavam a professora Noilde Ramalho. Certeira e rápida como uma flecha, extremamente convicta, expressou o sentimento em apenas sete letras que representavam um mundo e suas circunstâncias. A mulher que carregava na trajetória educação e fé, ao mesmo tempo em que era rigorosa, tinha uma extrema bondade, demonstrada não somente em palavras, mas em ações, muitas vezes anônimas.

Entrevistamos Haydée Ramalho Pessoa na véspera do fim de ano. Neste caderno especial, não poderia faltar o depoimento de um membro da família, ficariam incompletos estes fragmentos da história de Nó. A irmã aceitou conversar com a gente, ressaltando que não tinha o que dizer, tudo já havia sido dito e o que restava era a saudade. A bem da verdade, só temos saudades do que foi bom, e a história de dona Noilde Pessoa Ramalho (não é erro de digitação, as duas têm os sobrenomes invertidos) continua presente no legado que edificou. Sendo assim, o olhar de quem está próximo, de quem vivenciou o tempo, faz a diferença.

“Nó sempre gostou de mandar e arrumar as coisas”, revelou logo no início da conversa, lembrando que, não raro, essa característica da irmã terminava por provocar conflitos na família. Natural de Nova Cruz, Nó era a quarta de seis filhos. O pai, Odilon Amâncio, tinha uma empresa de distribuição de energia elétrica, depois fábrica de vinagre; em seguida montou uma sala de cinema mudo e depois de cinema falado, trabalhou com beneficiamento de algodão. “Meu avô queria formar todos, era da Guarda Nacional, à exceção foi meu pai, que tinha um problema de audição, mas lia de tudo, lia o jornal de trás para a frente, não foi rico, mas era muito dinâmico. Deitava na rede e ficava pensando, depois chegava e dizia: não quero assim não, quero desse jeito”. Já a mãe, Lucila Pessoa, era dessas mulheres que não saía de casa.

No interior, fazer a feira era um acontecimento. Devido ao jeito mandão e à determinação de Noilde, o pai deixou com ela essa responsabilidade. Sem condições de mandar todas as filhas para estudar na capital, encaminhava aos poucos, até que conseguiu uma bolsa de estudos para a Escola Doméstica, através do médico Varela Santiago e Henrique Castriciano, que tinha conhecido quando passou pela cidade. Um amigo aconselhou que desse a oportunidade a Noilde. “Ela era mais danada nos estudos do que Aline, a penúltima”, revelou Haydée, caçula da família. Foi assim que, em

1936, com 16 anos e sozinha, Noilde foi ser aluna interna da Escola Doméstica, mesmo ano em que foi diagnosticada tuberculose em Anyole, a irmã mais velha.

Segundo Haydée, Noilde era muito magra e feia. Tinha alguns costumes, como guardar caixas de sabonete e beber água de coco. Desde criança nutria o desejo de construir uma igreja, quando tivesse condições, e queria entregar toda pronta. “Quando vinha de férias pra casa, era a tal, muito chata. Queria arrumar os lençóis, fazer a mesa como tinha aprendido na escola”. As irmãs não deixavam por menos e diziam: “Nó, você ficou bonita depois que foi para a capital, será que foi a água de coco?”. Em 1939, Anyole faleceu de tuberculose. Noilde terminou os estudos e começou a trabalhar como professora de educação física e culinária na Escola Doméstica, seguindo as diretrizes do mentor, Henrique Castriciano. O trabalho a absorveu e ela não conseguiu fazer um curso universitário.

Logo foi conduzida ao cargo de diretora. Haydée guarda na memória alguns momentos engraçados. Quando aluna, pagava a uma colega para fazer os trabalhos da aula de costura, “não tinha habilidade nenhuma”. Como professora, não queria ir a uma festa por não ter um sapato, preferia mandar o dinheiro para ajudar o pai. Uma amiga emprestou um sapato que ficou apertado e, durante a festa, ela se sentiu mal. Já como diretora, foi a uma solenidade no Rio de Janeiro e, no meio do evento, a anáguas caiu – ela se escondeu por trás de uma cortina e ajeitou. Não casou, chegou a ser noiva de Aduino Sá Leitão, mas o sentimento pela escola foi mais forte e o relacionamento acabou. Uma curiosidade: não tomava remédio de farmácia, só gostava dos caseiros, vindos do mato.

Em meio às brincadeiras, havia o compromisso com o trabalho. “Como é que Nó conseguiu fazer tudo aquilo na Escola?”, questiona Haydée, para complementar: “A vida dela foi a ED”. Como não lembrar as caminhadas que fazia com as alunas da Ribeira para a Hermes da Fonseca, na época das obras na Escola? Quando a mãe estava doente, deixava-a dormir e ia para a escola. Se tinha alguma tristeza, a irmã disse não saber. “As escolas eram a alegria dela.”

Foi assim que a professora Noilde Ramalho construiu sua história de vida. Ajudou a família, ajudou muitas pessoas, deixou sua marca no mundo. E agora, a Escola Doméstica, da qual surgiu o Complexo Educacional Henrique Castriciano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN, vai sobreviver sem ela? Para Haydée, a resposta é: Não. “As meninas de hoje não querem saber de cozinhar (hoje tem os enlatados), nem de costurar, para isso existem as fábricas”. Por outro lado, não vê na família alguém, um herdeiro, para continuar o trabalho dela. “O povo acha que está ultrapassada – ela não admitia essa modernidade – ela começou e terminou a administrar do mesmo jeito”, disse. “A gente tinha muito medo que Nó fosse convidada pela Liga de Ensino, que é a mantenedora, para sair da escola, por causa da idade. Agradei muito a Deus ela ter ido antes, porque iria sofrer muito.”



Padre Tiago Theisen, Capelão da igreja Santa Cruz, de Igapó/RN



Igreja do Espírito Santo, construída e doada pela professora Noilde Ramalho à comunidade da Zona Norte, aos cuidados do Pe. Tiago

(1)

Dona Noilde:
FIGURA EMBLEMÁTICA.

Emblema: do grego ORHATO EM RELEVO
ou FIGURA SIMBÓLICA COM "PALAVRAS SILENCIOSAS."

Realmente poucas pessoas merecem este título na sociedade.

Cada valor, cada país, cada grupo se identifica com um SINAL (bandeira, uniforme, cores, himno, gestos, n.ºs...)

- Na EDUCAÇÃO, a dona da Escola Doméstica se destacou com sua inteligência, sua pedagogia, sua disciplina e sua maneira didática de transmitir o saber, o pensar e o afeto. Nunca alguém poderia calcular a influência desta pessoa influente na formação de várias décadas no R.-N.
- No mundo onde se valoriza apenas a fachada, o visual e a vaidade a figura abastada de vários bens sempre guardou a elegância na simplicidade.
- Nem pode silenciar o ^{tratamento} acolhimento acolhedor dispensado a todas as pessoas ricas ao pobres numa simpatia inerível.
- Como padre, eu posso testemunhar da virtude maior do Evangelho tão difícil de encontrar

no mundo da riqueza, na abundancia dos bens e das terras e no ambiente dos PHDEUS,
Trata-se da HUMILDADE

Dona Noilde viveu esta orientação de Jesus

"~~¶~~ Felizes as pessoas de coração humilde"

- Quem diria o nº de pessoas, de jovens e de crianças que foram ajudado(a)s para dar um passo na frente na vida.

Numero incalculavel de gentes paradas na cabeceira da pista esperando o motor da Ciencia, do afeto, da didática para adquirir a velocidade da sustentação para levantar voo. Só Deus quem sabe!!

- Obrigado Senhor, por ter encontrado em nossas vidas uma figura tão Emblemática como Dona Noilde que nos faz ainda acreditar na possibilidade de um mundo de fraternidade de justiça, de verdade e de AMOR.

Te Tiago



**DALADIER
PESSOA
CUNHA LIMA**

Reitor do Centro
Universitário do Rio
Grande do Norte

NOILDE RAMALHO: AMAVA A VIDA E O MUNDO A AMAVA

Já escrevi sobre Noilde Ramalho por diversas vezes, a começar por um livro de 554 páginas, seguido de crônicas, artigos, discursos e plaquetas. E, sempre que me volto para repetir a tarefa, há motivos de sobra a puxar pela lembrança da vida desta mulher notável, figura ímpar nos meios educacionais e sociais do Rio Grande do Norte, durante longo período. Quem a conheceu, quem teve o privilégio de com ela conviver, seus parentes, amigos e amigas, e, sobretudo, suas ex-alunas, tendo-a como Diretora da Escola Doméstica de Natal, sabem muito bem os motivos a que me refiro. Não é fácil saber o que mais se destacava em Noilde Ramalho, se a educadora de grandes méritos, ou a gestora prática, ou a líder efetiva, ou a anfitriã inigualável, ou a pessoa solidária ao extremo, o ser humano de uma fé em Deus acima de tudo. Todas essas virtudes, e muitas outras, afloram em uma criatura de personalidade marcante, dotada de forte carisma, afável até nos instantes severos de sua lide. Gostava de trabalhar, gostava de festas, adorava viajar, apreciava uma boa refeição e um bom vinho, a arte e a cultura fascinavam-lhe, conversar com amigos era um dos seus lazeres mais constantes, cuidava da natureza com muito amor, tinha um carinho especial pelas crianças. Uma síntese de Noilde Ramalho em uma frase poderia ser: amava a vida e o mundo a amava.

Toda vez que surge o nome Noilde Ramalho, vem junto o nome da Escola Doméstica de Natal. São nomes inseparáveis, são gêmeos siameses que ficarão para sempre unidos. Diretora da Escola por 65 anos, foi um exemplo de dedicação total a uma das causas mais nobres, a educação. Em 1945, começou sua longa e profícua gestão, que só findou em 25 de dezembro de 2010, dia final da sua vida terrena. Durante esse tempo, projetou a Escola além dos limites do Estado e até do país, renovou, mas manteve a tradição, formou gerações de meninas e moças sob a concepção moderna do papel da mulher na sociedade, fez crescer o espaço físico e o alcance educacional da instituição, enfim, foi uma luta sem tréguas, diuturna, sem cansaços e com total entusiasmo. O avanço na idade não resultou em perda de ânimo, pelo contrário, porquanto gostava de dizer que enfrentava as tarefas como se vivesse o primeiro dia de trabalho.

A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, filha da sensibilidade, da inteligência e do arrojo de Henrique Castriciano, criada em 1911, é mantenedora da Escola Doméstica de Natal (ED), do Complexo Educacional Henrique Castriciano (HC) – colégio misto – e do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). O conjunto forma o Complexo de Ensino Noilde Ramalho, que envolve cerca de 7.500 alunos, do infantil à

pós-graduação. Tudo começou, no entanto, quando Henrique Castriciano viajou para a Europa, em 1909, a bordo de navio pouco confortável, a fim de ver e estudar o ensino doméstico que nascia por lá. Adepto das ideias de emancipação da mulher por meio da educação, admirador do pioneirismo de Nísia Floresta, Henrique foi buscar na fonte, em especial na Ecole Ménagère de Fribourg, na Suíça, os conhecimentos e a prática para instalar em Natal uma escola feminina similar, mas sem perder as raízes telúricas. Eis o que diz Henrique sobre a visita: “Ao penetrar a Escola Normal Ménagère de Friburgo, senti logo o encanto, o bem-estar que dá a casa suíça, em que, não raro, a decoração vegetal imprime uma nota pacificante de bucolismo, dando ao espírito do hóspede um como aviso de tranquilidade, de trabalho silencioso, de ternura forte”. Assim, em 1º de setembro de 1914, era instalada a Escola Doméstica de Natal, sem a presença do seu criador, pois o poeta estava em outra viagem à Europa, sem poder retornar a tempo em virtude dos transtornos causados pela 1ª Guerra Mundial. No livro de minha autoria, Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação (2004), consta um capítulo inteiro sobre como floresceu o ensino feminino – Ecoles Ménagère – na Suíça, base para a criação da Escola Doméstica de Natal. Devo lembrar que as principais informações recebi da Embaixada da Suíça no Brasil, e contei com o apoio da senhora Marília Serra, do setor cultural da Embaixada, que é, por coincidência, sobrinha-neta da ex-Diretora da Escola Doméstica de Natal, Amélia Bezerra Filha.

Noilde Ramalho faleceu aos 90 anos, em 25/12/2010, com uma vivência educacional difícil de ser igualada, em qualquer lugar do mundo. É a mãe da ideia criadora de instalar o ensino superior no âmbito da Liga de Ensino, e eu tenho a honra de ter sido por ela chamado para pôr em prática esta missão. Desta forma, em 1999 surgiu a FARN, depois UNI-RN, que contou com o aplauso do ex-Presidente da Liga, Osório Bezerra Dantas, e conta, há 14 anos, com o apoio do atual Presidente, Manoel de Medeiros Brito. Noilde Ramalho, cuja alma é por todos pressentida no seio da instituição à qual ela tanto se dedicou, chegou a ver, a sentir e a abrir o seu típico e espontâneo sorriso com o êxito da Faculdade. É pena que o seu abraço amigo e solidário não exista agora, para saudar os sucessos atuais do UNI-RN. Neste 2014, ano do primeiro centenário da Escola Doméstica de Natal, aumenta a evocação sentimental da figura de Noilde Ramalho, cuja ausência não a separou das obras às quais ela dedicou tanto amor; pois vida e morte se complementam conforme se vê nos versos do poeta Walt Whitman: - “Grande é a vida.. é real e mística..seja aonde for e o que for. – Grande é a morte.. – Certa como a vida junta todas as partes, a morte junta todas partes; - Certa como as estrelas retornam depois de fundiram-se na luz, a morte é tão grande quanto a vida”.



**MANOEL
DE MEDEIROS
BRITO**

Presidente da Liga
de Ensino do RN

**NOILDE RAMALHO,
SAUDOSA EDUCADORA**

Era eu aluno do Ginásio Sete de Setembro nesta capital, dirigido pelo professor Antônio Fagundes, inesquecível amigo e mestre, nos idos de 1946, quando, por sugestão sua, procurei a professora Noilde Ramalho, recém-designada para dirigir a Escola Doméstica de Natal, a fim de pleitear uma bolsa de estudos, no internato, para minha irmã Jahy, que concluíra o curso primário no grupo Escolar Antônio de Azevedo, em nossa querida cidade de Jardim do Seridó.

Recebeu-me com fidalguia e atenção com que sempre acolhia as pessoas que a procuravam, ouviu minha solicitação e me explicou que não era de sua competência a decisão sobre o que eu pretendia. Com a boa vontade flagrante, orientou-me no sentido de recorrer à Liga de Ensino, mantenedora da Escola, presidida pelo Dr. Manoel Varela Santiago Sobrinho, a quem cabia apreciar o meu pleito. Foi o que fiz, encontrando-me com o ilustre médico e filantropo, que me escutou pacientemente e deferiu o meu pedido.

A partir de então, estabeleceu-se um elo de amizade e reconhecimento a todos que compunham o Conselho Diretor e à professora Noilde Ramalho.

Mais tarde, em 1950, fui para o Rio de Janeiro a fim de cursar a faculdade de direito do Distrito Federal, indo trabalhar com o Deputado Federal Aluizio Alves por indicação do parente e amigo, empresário Dinarte Mariz.

No desempenho do cargo de secretário particular de Aluizio, habilitei-me, igualmente, a assessorar a Bancada Federal Potiguar no Congresso Nacional, percorrendo, diuturnamente, os Ministérios na antiga Capital da República, adquirindo conhecimentos e construindo amizades que me possibilitaram retribuir as atenções com que fora distinguido no começo de minha formação profissional.

Nesses termos, intercedi junto aos nossos Deputados e Senadores em favor da Escola Doméstica e do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do RN, fundado e dirigido, igualmente, pelo Dr. Varela Santiago.

Frequentando todos os dias a esplanada dos ministérios, acompanhei de perto as atividades e o desempenho da professora Noilde, junto à pasta da Educação, cujo titular, o Ministro Ernesto Simões Filho, a recebia com carinho e estímulo, considerando as reivindicações que lhe eram apresentadas em benefício da Escola pela jovem e simpática diretora. Dessa forma, obtive do Ministério da Educação o reconhecimento do curso de Economia Doméstica, equiparando-o ao 1º e 2º graus.

Com a criação da Universidade do Rio Grande do Norte em 1958 pelo Governador Dinarte Mariz, foi nomeado seu primeiro Reitor o dileto amigo Onofre Lopes,

integrante do Conselho Diretor da Liga de Ensino, que logo tratou de prestigiar o trabalho da Professora Noilde à frente da Escola que dirigia.

Federalizada a Universidade em 1962, o Reitor Onofre Lopes transformou a Escola Doméstica em órgão complementar, que passou a contar com a participação financeira do MEC, objetivando a melhoria do ensino que era ministrado, assim como a ampliação de suas instalações.

Assumindo a Presidência da Liga de Ensino em 1977, decorrente do falecimento do Dr. Varela Santiago, o reitor Onofre Lopes delegou competência à professora Noilde Ramalho para conduzir os destinos da Instituição executando os programas resultantes da parceria firmada com a UFRN, visando ao aperfeiçoamento de seu corpo docente.

Vítima de grave enfermidade, o professor Onofre Lopes nos deixou, em 1984, assumindo a presidência da Liga de Ensino o professor Osório Bezerra Dantas, que manteve as mesmas atribuições por ele delegadas à professora Noilde Ramalho.

Além da responsabilidade de dirigir a Escola Doméstica, a professora Noilde foi, aos poucos, aumentando sua ação empreendedora que resultou na criação do Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1987, e por último em 1998, a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do RN, hoje transformada em Centro Universitário, sob a competente e profícua direção do Reitor Daladier Pessoa Cunha Lima.

Participando do Conselho Diretor da Liga de Ensino desde 1985, fui compelido a assumir sua presidência, em virtude da renúncia, por motivo de saúde, de seu titular, o prezado amigo e conterrâneo Osório Bezerra Dantas. Ao fazê-lo, ratifiquei a decisão de meus eminentes antecessores, reiterando a confiança e o apoio devidos à renomada Diretora.

O sucesso do Complexo de Ensino que hoje tem o seu nome, integrado pela Escola Doméstica, Henrique Castriciano e UNI-RN, reflete o acerto do Dr. Varela Santiago, quando em 1945, designou-a para responder pela direção da Escola, interinidade que durou 65 anos.

Esse relato comprova, de modo incontestável, que a professora Noilde Ramalho ao longo de sua existência adquiriu experiência, preparo e condições que a consagraram como educadora, conquistando o respeito, a estima e a admiração de todo o Rio Grande do Norte.



PROFESSORA NOILDE RAMALHO: UM EXEMPLO A SEGUIR

ANGELA MARIA GUERRA FONSECA

Diretora do Complexo
de Ensino Escola
Doméstica de Natal e
Henrique Castriano

No ano do centenário da Escola Doméstica de Natal, a figura da professora Noilde Ramalho, sua história de vida, totalmente dedicada à Educação e, de maneira especial, à Escola Doméstica, leva-nos a inferir que ela é a personificação da instituição.

A sua tenacidade, capacidade de trabalho, dedicação e visão de futuro ressaltam sua ligação com a permanência da Escola.

Sempre atuante, viveu além de seu tempo. Ao perceber a demanda crescente de crianças e jovens, necessitando frequentar uma boa escola, não teve dúvidas, apresentou à Liga de Ensino e obteve aprovação a sua proposta para criação e funcionamento de uma escola mista, com a mesma qualidade de Ensino da Escola Doméstica, diferenciando apenas parte da proposta pedagógica pois, no caso da Escola Doméstica, além do Ensino Infantil, as alunas deveriam cursar as disciplinas que as habilitassem para a gestão do lar e ao papel profissional e social da mulher do mundo contemporâneo.

Já os alunos do Henrique Castriano deveriam seguir as propostas pedagógicas estabelecidas pelos órgãos oficiais da Educação, específicas para as escolas do Ensino Fundamental e Médio.

Tendo o pensamento sempre inovador e bastante atuante, tão logo a nação brasileira assistiu à crescente expansão das escolas particulares também no ensino superior, volta a apresentar ao conselho diretor da Liga de Ensino a inclusão de um novo nível de ensino, desta feita voltado para o Ensino Superior. Aprovada sua proposta, constituiu-se um grupo de trabalho liderado pelo Professor Daladier Cunha Lima e, em 1997, após conclusão dos trabalhos e autorização do MEC, passou a funcionar como Faculdade (FARN). Agora, no início de 2013, por sua qualidade e índice de produtividade após avaliação do Ministério de Educação e Cultura, passa a ser Centro Universitário (UNI-RN).

Não temos dúvidas de que a semente plantada pela professora Noilde Ramalho, germinada pela autenticidade de seu cotidiano, com certeza continuará sendo uma árvore frondosa, acolhedora e permanente fonte de inovação.

É por isso que falar em Escola Doméstica, Henrique Castriano e UNI-RN é falar em Noilde Ramalho, pois sua presença é permanente em cada um dos espaços dessas instituições. Não somente pelos 65 anos em que se dedicou por inteiro a todas elas, mas, sobretudo, pela forma como soube tratar a cada um, seja da comunidade interna ou externa. Sua presença em qualquer espaço social era extremamente respeitada e admirada.

Para nós, que agora continuamos o seu projeto que, em essência, são os propósitos básicos oriundos dos idealizadores da Liga de Ensino, em sua missão maior: OFERTA DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE, é um conforto lembrar de suas palavras, quando em 1996 tomei posse no Conselho Diretor da Liga de Ensino e ouvi a seguinte frase: “Escolhi você entre seus irmãos para substituir o seu pai no Conselho Diretor da Liga de Ensino, porque você é pedagoga, tem amor pela escola e com você tenho certeza de que a escola não morre”.

Diariamente, ao entrar em nossa sala de trabalho, conservada praticamente como ela deixou, recordo-me da frase, agradeço a confiança na missão e renovo meu compromisso para mantê-la cada dia melhor, mais moderna e mais atuante.

Com grande satisfação, seguindo seus exemplos, ampliando as equipes de trabalho, estamos evoluindo. Ampliamos o espaço do Tempo Integral, introduzimos Música e Inglês no Ensino Infantil, estamos modernizando o espaço do Ensino Fundamental I, fortalecemos a Equipe de Trabalho que vem apoiando os professores em sua capacitação para o uso de tecnologia educacional na sala de aula, bem como orientando-lhes na produção do material didático em linguagem adequada ao ensino a distância. Tudo isso utilizando e desenvolvendo programas educacionais próprios, veiculados pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que são dirigidos aos alunos que vão desde as classes do Infantil ao Ensino Médio.

Continuando nossa jornada de êxito, no início de dezembro de 2013, recebemos com extrema alegria o resultado publicado pelo INEP/MEC, indicando, pela tabela publicada em relação ao ranking das Escolas do Estado do RN, o nosso Complexo de Ensino Henrique Castriciano como a escola classificada em primeiro lugar entre as particulares do estado. Isso fortalece o nosso trabalho de equipe, renova a nossa vocação de escola de qualidade e nos credencia para ter fôlego por mais 100 anos.

Tudo isso à luz do espírito de bravura e fortaleza, herdado da professora Noilde Ramalho e tão bem compreendido e incorporado por todos nós, que fazemos o Complexo Educacional Noilde Ramalho (ED/HC/UNI-RN).



“TUDO QUE É BOM, DURA O TEMPO PARA SER INESQUECÍVEL” NOILDE PESSOA RAMALHO

EULÁLIA DUARTE BARROS

Ex-aluna ED e autora do livro 'Uma Escola Suíça nos Trópicos' - ano 2000

As pessoas podem ser conhecidas pela beleza, pela gentileza, pela inteligência, pela erudição, pela dignidade, pela riqueza, pela educação. Essas foram características da personalidade de Dona Noilde, mas a mais marcante foi o seu pioneirismo e a liderança em favor da educação da mulher no Rio Grande do Norte, seguindo os ideais revolucionários do Dr. Henrique Castriciano.

Nascida em Nova Cruz, cidade referencial do Great Western, berço e celeiro de grandes nomes que influenciaram e influenciam a vida social, econômica e política do Rio Grande do Norte, veio estudar na Escola Doméstica em 1936, formando-se em 1939, ano em que a Escola comemorava o seu Jubileu de Prata.

Em 1940, foi convidada a integrar o corpo docente e, em 1945, com o término da gestão da professora Amélia Bezerra Filha (a D. Melisinha), assume a direção da Escola, enquanto aguardava a nomeação da nova Diretoria. Essa interinidade foi rápida. O Presidente da Liga de Ensino, o Dr. Manoel Varella Santiago Sobrinho, nomeou-a para o exercício do cargo de Diretora, não sei se cargo ou missão, mas acima de tudo pioneirismo e liderança que exerceu durante 65 anos.

D. Noilde tinha 25 anos de idade quando assumiu tão importante e oneroso cargo, e em todos esses anos continuou jovial, alegre, elegante e aberta para novas mudanças e novas realizações, criando, inovando, modernizando, mas conservando o pensamento de Dr. Henrique: *“Formar uma mulher que, sem abrir mão de sua condição feminina, assumisse conscientemente e sabidamente o seu importante papel de agente da integração nacional. A mulher que se revelou capaz de aprender, pode e deve disputar um lugar na vida, ganhando-a pelo trabalho sério, metódico e inteligente”*. Nesse tempo, à época da fundação da Escola, em 1914, não se investia na educação feminina.

Cascudo diz: *“Os fazendeiros e mesmo os cidadãos proibiam o estudo – no caso aprender a ler – evitando assim que as filhas escrevessem aos namorados. Não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina, permitia-se o livro religioso, e nunca o literário”*.

Era esse o preconceito que Dr. Henrique queria eliminar, em relação à educação da mulher. Para isso, era necessário primeiro a sabedoria doméstica como base desse conhecimento inicial, depois poderia ser advogada, dentista, engenheira, médica, professora ou doutora em qualquer ciência. A moça diplomada pela Escola Doméstica estaria em condições de poder escolher outro rumo, porque conhecia o seu mundo pelos duplos métodos racional e científico.

Aqui, nesta escola, antecipou-se a questão da mulher, das suas lutas, da sua submissão ao sair do espaço privado para o espaço público, sem abrir mão dos seus conhecimentos e da sua feminilidade. Isso foi o indicado ao Dr. Henrique às professoras suíças e às professoras brasileiras.

D. Noilde seguia e exaltava as palavras de Dr. Henrique: *“educar e instruir”* e *“aprender fazendo”*, que a escola cuidadosamente e criteriosamente trata de tornar presente e futuro em alicerces cravados há 100 anos.

Uma vida com a contabilidade em dia do haver e do dever, com as suas normas de civilidade e cidadania, onde as regras deveriam ser conhecidas pelo menos para desobedecê-las com conhecimento de causa.

Por aqui passaram meninas de várias regiões do Brasil com os seus sotaques e os seus costumes, recebendo os ensinamentos teórico-práticos desde o conhecimento de autores clássicos da literatura, música, pintura, poesia, até as disciplinas mais essenciais ao dia a dia – nutrição, puericultura, medicina do lar, jardinagem, leiteria, agricultura, cozinha prática, entre outras ciências necessárias para a formação total da mulher.

Ao se transferir da escola da Ribeira para a escola do Tirol, D. Noilde se sentiu realizada por poder atender não só à demanda de vagas, como o desdobramento do currículo com salas para laboratórios, biblioteca, piscina e a prática de esportes. A Escola do Tirol, pronta e inaugurada em 1º de março de 1954, tem seu prédio majestoso situado em 18 hectares de verde e dunas. As salas são amplas, claras e sempre refrescadas pela brisa do mar. Há espaço para todos os planos, presentes e futuros. Aí então D. Noilde se agiganta. Com o espaço disponível, funda a escola maternal em 1956, a primeira pré-escola particular de Natal. Em 1965, é inaugurado o ginásio de esportes, com 1200 m², e em 1967 é inaugurado o prédio da Biblioteca Auta de Souza, com acervo inicial de 5.00 volumes.

O marco maior desse período foi a criação e inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1987. E a escola alcança a sua maturidade didática com a criação da FARN, concretizando o sonho de Dr. Henrique do que seria o futuro: *“E como o mundo avança, e com ele a mulher, do curso secundário passaremos um dia ao curso superior, e aí será completa a nossa vitória”*.

Eu sou ex-aluna da Escola Doméstica, e como toda ex-aluna, ligada de modo filial a essa casa, onde aprendi que a mulher é o esteio e o alicerce de uma família; aqui aprendi que existem diferenças biológicas entre homem e mulher mas não existem dominações nem posses. Desses ensinamentos, com a régua e o compasso aqui adquiridos, traçamos a planta e o projeto da nossa vida, com o exemplo e os ensinamentos de D. Noilde e toda a sua equipe, com destaque para a Prof^a Margarida Cabral Morgantini – que era a porta aberta da ternura para as ex-alunas.

Quando vamos visitar a Escola, é como se voltássemos à nossa casa, sentindo outra vez os cheiros, os sons e as emoções da nossa mocidade e beber em sua fonte, para mitigar sedes e saciar antigas fomes. Mas viemos sobretudo apaziguar a nossa grande saudade. Essa é a escola de D. Noilde, sua garra, sua coragem, sua ousadia. É mestra, condutora, líder, amiga. Ela foi o pilar, a estrutura, a viga mestra, a condutora, a guardiã.

Quando for escrita um dia a verdadeira história da educação feminina do Brasil, certamente D. Noilde será a pioneira. Ela dedicou sua mocidade, sua vida e seus sonhos a essa escola. E haja Hoje para tanto Ontem.

E como diz Drummond:

*“... e as coisas findas
muito mais que lindas
essas ficarão...”*



**REJANE
CARDOSO**

Jornalista, aluna da ED do primário à conclusão em 1967 e sobrinha-neta-torta de Henrique Castriciano

UMA IDEIA FAZ CEM ANOS

A felicidade, tão lembrada sempre, do povo suíço está na educação das mulheres.
Henrique Castriciano (1874-1947)

2014 vai entrar para a história de Natal como o ano da inauguração do seu novo estádio para a participação da cidade na Copa do Mundo. É a retomada do sentimento de cidade moderna, cosmopolita, esquina do continente, como no tempo da Segunda Guerra Mundial. Mas, o que muitos natalenses talvez não saibam é que há cem anos a Europa se fez presente aqui, com a importação de um modelo educacional dos mais conceituados do mundo com um padrão suíço voltado para a mulher do século 20.

Quando a Europa entrava em conflito na Primeira Guerra Mundial, um poeta visionário concretizava o sonho de levar às jovens da sua terra a capacidade de não apenas ler, escrever e fazer contas, mas administrar as suas casas, serem cidadãs preparadas para o novo tempo. Para que se tenha ideia da inusitada preocupação com a educação feminina, somente em 1927 Celina Guimarães, natalense radicada em Mossoró, foi inscrita como a primeira eleitora do Brasil, no governo Juvenal Lamartine.

Logo na primeira década do século 20 a educação da mulher já era a grande preocupação do poeta e político - Henrique Castriciano, nascido em 1874 no pequeno e importante centro comercial que foi Macaíba, a 26 km de Natal.

Órfão de pai e mãe, foi criado com seus irmãos no Recife pela avó materna Silvina – a “Dindinha”, viúva bondosa e inteligente, porém iletrada – que, enfrentando todas as dificuldades, conseguiu administrar os negócios da família. Mais do que isso, conseguiu dar educação acima do padrão vigente às cinco crianças, entre elas: Eloy, Henrique Castriciano e Auta de Souza. Nomes que se tornaram destaque na política e nas letras no país, e dispensam apresentações nesses tempos de internet.

Silvina, que já perdera o marido e cinco filhos, continuava firme construindo o futuro dos netos órfãos - o mais velho, Eloy, tinha apenas cinco anos. Certamente a sua história de luta foi determinante para tornar a educação feminina uma obstinação num Henrique já adulto e um dos maiores homens de ideias da sua terra no seu tempo.

Com saúde frágil, desde criança, ele dedicou-se à literatura e começou a escrever crônicas no jornal A República aos 18 anos, fase em que também voltou-se com maior intensidade para a poesia. Em 1901, perdeu a irmã Auta, poetisa que morreu jovem, tuberculosa. E, como também já tivera pneumonia tratada nos sertões do Rio Grande do Norte, em 1909 viajou para a Europa em busca de consulta e tratamento de bócio na Suíça, em companhia do

médico, político e escritor Afrânio Peixoto, seu velho amigo que, ao vê-lo restabelecido, o acompanhou a outros países da Europa e Oriente.

É seu irmão Eloy quem narra nas suas Memórias: “Teve Henrique desde sua primeira viagem a alegria de fundar a Liga de Ensino em que figuraram os norte-rio-grandenses mais ilustres nas letras, no comércio e nas profissões liberais, primeiro passo para a fundação da Escola Doméstica de Natal, a 1º de setembro de 1914, educandário que servirá e já tem servido de modelo para organizações semelhantes em outras unidades da Federação”.

Em discurso realizado na primeira reunião da Liga de Ensino, presidida pelo governador Alberto Maranhão, a 23 de julho de 1910, Henrique narra com olhar de cronista as primeiras impressões no fim do outono de 1909, quando viajava no lago Lemano, de Genebra para Lausanne: “A barca estacionou um instante em Coppet, onde, com a mais viva alegria, entraram diversas educandas, acompanhadas das professoras, em respeitosa camaradagem, sorrindo ao sol de outubro...”

E mais adiante fala sobre a primeira visita que fez à École Ménagère de Friburgo:

“A diretora, alta, robusta, muito à vontade no seu avental de dona de casa, enquanto me mostrava os diversos compartimentos da escola, ia respondendo, com bondade, sem constrangimento, às perguntas que eu fazia, lisonjeada, talvez com a minha admirada curiosidade”. E conta sobre as aulas teóricas e práticas de higiene, puericultura, fisiologia alimentar, cozinha, corte e costura – incluindo engomado e a reforma de roupas usadas - “porque, dizia ela, a verdadeira educação é a que ensina a moça a não considerar inferior qualquer serviço doméstico”.

Ao sair, registra Henrique: “... ao deixar a escola, uma série de reflexões se apresentava ao meu espírito. Naturalmente, eu comparava o que vira ao que se passa no Brasil. Recordava os nossos tristes métodos, fundados em irrisórias práticas mnemônicas, a ausência de exercícios físicos, de trabalhos manuais de caráter utilitário e a ação deprimente de tais métodos sobre a natureza feminina”.

Henrique não pode estar presente à tão esperada inauguração da Escola Doméstica de Natal: dificuldade para voltar de uma nova viagem à Europa durante o primeiro conflito mundial. O governador Ferreira Chaves instalou a escola na Ribeira a 1º de setembro de 1914 e Henrique só voltou a Natal em novembro. E depois vieram as diretoras: suíças, francesas, norte-americanas, alemãs, brasileiras... e as alunas de todo o Rio Grande do Norte e de diversos Estados do Brasil.

Câmara Cascudo, biógrafo do “Nosso Amigo Castriciano” conta: “Não foi surpresa que um Roy Nash, executando viagem penitencial em 1921, dissesse de Natal: “Nesta cidade sonolenta encontramos a mais ultramoderna e útil escola para moças, de todo o litoral brasileiro: a Escola Doméstica”.

E agora, um século depois, a escola do Tirol virou um complexo, que vai das primeiras letras à universidade. Os tempos mudaram, ou mudamos nós? Neste século 21, cheio de entusiasmo pela gastronomia, que já tem cursos universitários em Natal, a nossa ED não estaria se fechando demais? A História da Alimentação de Cascudo não seria boa vertente para os estudos teóricos e práticos? A casa nordestina não poderia ter um museu dentro da própria escola? E o imenso terreno que vai até as dunas não poderia ser uma trilha ecológica nas férias e fins de semana?

Procurando ver no Google o que acontece nas Écoles Menagères da Suíça e logo no primeiro link tenho a notícia: “La suppression des écoles menagères traditionnelles”. As reviravoltas do mundo político, religioso e social dos anos 1960 foram o começo das transformações. Na década seguinte, as escolas chegaram a ser contestadas e boicotadas pelas críticas mais radicais, até que em 1981 ocorreu a reforma, com algumas matérias do ensino doméstico se inserindo em cursos secundários. Agora, nos cantões suíços, moças e rapazes estudam juntos trabalhos manuais, atividades criativas sobre têxteis e economia familiar.

O que diria o Dr. Henrique Castriciano de tudo isso?



Noilde Ramalho
e Débora Seabra
de Moura

DONA NOILDE

MARGARIDA ARAÚJO SEABRA DE MOURA

Advogada

Dona Noilde Ramalho. Ou simplesmente dona Noilde! Efetivamente conhecida em toda a comunidade potiguar por sua personalidade marcante, tanto que o seu prenome já a identificava e identifica, independente do honroso sobrenome.

Não me lembro da Escola Doméstica sem dona Noilde. A minha foi uma geração que associou aquele estabelecimento de ensino à pessoa da sua diretora, tendo em vista a indiscutível energia de trabalhar e viver que emanava. Reiteradamente reconhecida e homenageada.

No entanto, apesar de tão decantada, impõe-se compartilhar a experiência vivida pela Associação Síndrome de Down com Dona Noilde.

No ano de 1986, a Associação pretendia oferecer, no mês de janeiro, o **Iº Curso de Estimulação pelo Método Bobath para Crianças com Síndrome de Down**, ministrado por profissionais integrantes da Clínica Reabilitação Especializada de São Paulo, sob a coordenação da fisioterapeuta Sonia Gusman e da terapeuta ocupacional Pessia Mayerhof. Teria a duração de um mês e o público-alvo seria, naturalmente, profissionais da área. Foi o primeiro curso oferecido em Natal para fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos!

O Curso precisava de espaços amplos e agradáveis. Isto porque não se restringiria a aulas teóricas. Ao contrário: a Associação deveria carrear para aulas crianças **sem** síndrome de Down e crianças **com** síndrome de Down, de várias faixas etárias, para que o trabalho restasse a contento.

O êxito foi total. Os frutos desse Curso foram inestimáveis, dentre eles o fato de ter sido gênese do surgimento das primeiras clínicas especializadas em Natal. E de várias crianças de menor poder aquisitivo terem sido beneficiadas com bolsas nas novas Clínicas.

Confesso que não me lembro como chegamos a Dona Noilde. Mas foi em razão de seu interesse pelo MOVIMENTO em prol da INCLUSÃO que se efetivou aquele sonho da Associação Síndrome de Down. Sonho de democratizar o que pouquíssimos pais tinham condições de ter acesso a esse atendimento que, à época, somente acontecia em São Paulo: **a estimulação precoce!** Que sabemos ser a base indispensável para o bom desempenho na escola, no trabalho, bem como para a autonomia e independência da pessoa com Síndrome de Down.

A Escola Doméstica foi, então, palco do primeiro trabalho de fôlego da Associação Síndrome de Down, em razão de Dona Noilde, com sua visão de futuro, ter disponibilizado todos os espaços necessários à realização desse Curso.

Mais tarde, quatro jovens - Olivia Rocha de Arruda Câmara, Lívia de Paula, Kandice Feitosa e minha filha, Débora Seabra de Moura - chegaram à Escola Doméstica após terminar o ensino fundamental no Colégio Imaculada Conceição. Três delas permaneceram até terminar seus estudos e, a quarta, tomou outro rumo para fazer formação de magistério na Escola Estadual Luiz Antonio. Registre-se o pioneirismo dessas estudantes e de seus professores! E dos diretores desses estabelecimentos de ensino.

Em todo o Brasil escolas negavam de forma sistemática o direito subjetivo que garante a toda criança e adolescente frequentar a escola. Poucas eram as exceções, como as citadas acima, além das precursoras, as antigas Casa Escola e Pré-Escola do SESI, que aqui iniciaram esse processo com visibilidade para todo o país.

Mesmo com o desenho inclusivista da Carta Federal, a dificuldade era patente! E ainda não se constata a efetivação da inclusão com a plenitude desejada, a despeito de hoje o texto constitucional estar alargado por força da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que ingressou no ordenamento jurídico com “*status*” de Emenda Constitucional. Daí porque a Associação Síndrome de Down, em parceria com a OAB, Seção do Rio Grande do Norte e Ministério Público Estadual, apoiada por empresas locais e a rede televisiva, está oferecendo campanha publicitária sobre o tema.

Passaram-se os anos e Débora, minha filha, finalizou seu curso de magistério. Feito que repercutiu extrapolando as fronteiras potiguares, originando convite da então coordenadora pedagógica, da Escola Doméstica, Cristine Cunha Lima Rosado, para Débora estagiar na ED. Convite abençoado por Dona Noilde, que se transmudou em preparação para o trabalho formal, através de convênio com a Associação Síndrome de Down, pelo Programa Ação Dignidade – parceria com a APABB e SENAI – quando Débora iniciou-se como Professora Auxiliar voluntária daquele estabelecimento. E tornou-se amiga de Dona Noilde, como afirma com orgulho, lembrando-se de quem sempre a prestigiou e respeitou.

No decorrer desse trabalho, evidenciou-se a confiança que tinha na seriedade de Débora o que, sem dúvida, evidenciou sua credibilidade nas pessoas com deficiência.

Neste ano de 2013 – em 17 de agosto - a Associação Síndrome de Down do Rio Grande do Norte completou 30 anos. Motivo de comemoração para a sociedade potiguar !

Desenharam-se várias ações cujos objetivos se assentam na bandeira maior do movimento, qual seja, a INCLUSÃO. Dentre as quais um WORKSHOP SOBRE DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA para 40 (quarenta) pessoas com síndrome de Down e 10 (dez) estudantes de direito. Por três dias. Novamente nas dependências do Complexo Educacional Henrique Castriciano. Seguindo o norteamento dos feitos inclusivos iniciados por Dona Noilde Ramalho na Escola Doméstica, hoje muito bem representada pela competente e respeitável Professora Ângela Guerra.



GRACIÊMA MARIA DA COSTA CARNEIRO

Jornalista da Assessoria
de Comunicação Social
do TCE

NOILDE RAMALHO, O MITO

Há pessoas que passam a vida se dedicando às causas nobres, mas poucas são reconhecidas. Não foi o caso da professora Noilde Pessoa Ramalho, que recebeu inúmeras homenagens pelos diversos setores da sociedade civil e militar pelo seu trabalho em favor da educação potiguar.

Uma delas foi a exposição promovida pelo Governo do Estado do RN por meio da Fundação José Augusto “A mulher potiguar – cinco séculos de presença”, lançada na galeria do Senado em Brasília e que resultou num livro. A obra traça o perfil das 24 mulheres de maior destaque por sua contribuição social no Estado. Dona Noilde representou muito bem a Educação do Rio Grande do Norte. Realizado na Galeria do Senado Federal, o evento notabilizou-se pela presença de deputados e senadores, além de dezenas de ex-alunas que moravam à época em Brasília. Emocionada e agradecida, além de surpreendida com tanta honraria, ela retornou com o sentimento de que não merecia tanto.

A resiliência de Dona Noilde foi uma característica marcante de sua personalidade. Lamentações não faziam parte de sua rotina. Levantar com a mesma disposição em ir para a escola, como fosse o primeiro dia de trabalho, era a resposta para quem perguntava pelo segredo de tanto entusiasmo. Seu bizaco com muitas chaves, sempre em mãos, era como um símbolo representando que tinha o poder e controle de tudo.

O elixir de sua inesgotável energia e felicidade vinha de muitas fontes. As visitas das ex-alunas que levavam mimos e fotografias rasgavam boas risadas relembrando travessuras das eternas meninas em quem a diretora se negava a acreditar. Outra alegria permanente era a chegada dos pequeninos do jardim de infância, passando pelo seu gabinete com acenos e sorrisos.

A atenção pelo esporte, arte e cultura dava sempre lugar a ideias de projetos diferenciados. Foram vários que poderiam ser citados. Lembro-me de Natal Nua, um projeto que despiu a cidade nas comemorações dos seus 400 anos, em que as atenções estavam voltadas apenas para festejos sociais, levando um grupo de alunos a enveredar pelos becos, descrevendo cenários da capital, pelo olhar das pessoas, dos lugares e vozes das comunidades, num aprendizado e troca inesquecível.

Trazendo para este ano de 2013, a ED foi destaque pela imprensa local e nacional pelo projeto de inclusão social. Débora Seabra de Moura é a primeira professora auxiliar, portadora de Síndrome de Down, no país, acolhida, há mais de dez anos, pela educadora visionária, em seu quadro funcional, tornando-se referência de ações pro-

positivas e inclusivas.

Como não lembrar sua alegria ao ter notícia de um aluno que tinha declamado um poema, criado uma receita, participado de uma competição. Tudo era uma festa, motivo para deixá-la feliz. Atenciosa com os compromissos sociais e os convites, a dama dos banquetes, da etiqueta e das boas maneiras também tinha um trabalho com os mais simples que poucos sabiam. Ela atendia com tanta discrição que muitas das suas ações não aparecem – só sabe quem foi beneficiado. No seu velório, percebi anônimos que apareceram para o último adeus, dizendo que conheciam aquela senhora...

E esse adeus era sentido por ela, seis meses antes, em viagem à Terra Santa para celebrar seus 90 anos de vida. Uma celebração no dia do seu aniversário, na Basílica da Anunciação, em Nazaré, na companhia de amigos, entre eles, a amiga e fiel escudeira, Margarida Cabral, professoras, assessores, primas e o guia religioso e grande amigo, o Padre José Mário de Medeiros. Todos testemunharam uma grande emoção: quando terminou a liturgia ela desceu à gruta onde Maria recebeu o anúncio do anjo Gabriel, local de acesso limitado. Esse momento deixou o grupo muito emocionado quando, no retorno da diretora, perceberam o êxtase perpassado por ela pelo contato com a divindade. Comentou que estava absolutamente convicta de que sua missão estava terminada, pois nada mais podia acontecer de maravilhoso em sua vida.

E foi na data do nascimento de Jesus Cristo, 25 de dezembro, numa cidade por nome do santo de muita devoção, São Francisco, numa viagem como tantas que fez ao longo da vida, que ela partiu para a eternidade. Do jeito que rogava, sem dar nenhum trabalho e longe da Escola, território de alegrias. Sua ausência é sentida pelos ipês que floram na mata sem a contemplação da sua admiradora, das concluintes sem a protagonista principal em seus álbuns de fotografias, por Maria de Lourdes Silva (Maria Birunga), que não tem mais o elogio para o manjar com calda de ameixa. Para as crianças que não têm as jujubas dos potes de vovó Noilde, e para um mundo tão carente de referências, fica seu legado... quanta saudade!

